

intercalan

Célia Shalders

ca de ja' copieiro
ca de mo para usa
ALUNOS

A COMUNICAÇÃO SELADA NA GRAVURA

Como transmitir a mensagem do homem prisioneiro de si próprio, tal como surge do estudo de Nietzsche e de Freud, ou da leitura de Kafka? Célia Shalders, gravadora, encontrou a resposta num selo de correio, "a gravura pura, na cor e na forma extremamente gráfica", selo de uma carta desprezível. Célia inventou um país, Terreus, que pode estar em qualquer parte do planeta, onde os homens são encerrados em cubos, em caixas de vidro. E trabalhou seus selos com ponta seca, uma técnica secular de gravação.



Na comunicação simbólica do selo, Célia Shalders encontrou sua linguagem gráfica

Ex-aluna de Ivã Serpa, "não um mestre, mas algo assim como um zen", sua exposição está aberta desde o início da semana no Centro de Pesquisa de Arte, onde, com Bruno Tausz e Ivã "aprendi a exigir definições de meu trabalho e de mim mesma — o tempo todo." Antes, Célia fez bico-de-pena, óleos, mas o interesse mesmo era a gravura: "Eu ficava horas inteiras diante dos trabalhos de Fayga Ostrower, de Ana Letícia, até que resolvi entrar para o Centro." Ali sua participação foi sempre intensa, ansiosa, insatisfeita: "Foi um desses artistas

que debatiam conosco à mesa o que não ia bem; felizmente, ela continua rebelde até hoje, sempre questionando, sempre discutindo com José Assunção Sousa, seu orientador de gravura" — diz Bruno Tausz. É um testemunho à humildade da artista, "capaz de enfrentar críticas cara a cara, criticando e deixando-se criticar" e que, depois de algumas exposições, volta ao estudo. A mostra atual são os trabalhos realizados no curso de 1972 e em princípios de 1973. Seguindo a orientação "inteiramente livre" de Ivã Serpa, Célia aprendeu a reconhecer um trabalho malfeito, "com Ivã bloqueando as

obras de má qualidade, fazendo com que a gente exigisse sempre mais de nós. Ivã aceitava tudo, desde que a coisa funcionasse, e jamais permitia que sua influência fosse sentida. Nem nos deixava entrar no perigoso processo do academicismo, que ocorre sempre que a gente começa a dominar e a gostar de determinado trabalho."

EM BUSCA DA FELICIDADE

Contestando a violência contemporânea com seus balísticos, rostos deformados e amedrontados, encerrados em poliedros, Célia nega entretanto

que sua obra tenha conotação social. O aprisionamento a que alude "é puramente psicológico, aquela criatura aprisionada de que Freud já falava, pressionada por todos os lados e em busca de uma felicidade utópica." Seu objetivo não é dar definições, intelectualizar: — Queria, sim, mostrar minhas preocupações com a comunicação, com o sofrimento do ser humano, isso que acontece a toda hora, quando falamos com alguém e nada sabemos do outro: se é feliz, ou se sofre, se o seu futuro será violento, ou se morrerá amanhã, tranquilamente."